

GAFANHOTO

Caio Lobo

Um momento atrás – difícil dizer se minuto, segundo, ou o mais abissal desconhecido do Tempo – era ela senhora a reclamar de tudo. Vagando pela casa, insultava o ciático que lhe corroía os nervos, maldizendo a empregada que não sabia varrer o chão ou limpar as vidraças, juntando na mão trêmula farelos de pão caídos sobre o sofá.

Perdida no vão das memórias, solitária, em voz alta, para si mesma, pretensão inconsciente de confirmar sua existência, televisão sempre ligada para ter sobre quem destilar frustração: políticos, ladrões, assassinos, estupradores, falava com o mundo aprisionado na caixa colorida, seu único contato com a realidade.

De cima a baixo. Quartos, sala, cozinha; cozinha, sala, quartos.

Às vezes a vassoura para limpar as impurezas; outras vezes as contas na ponta do lápis, enquanto lhe escapa aqui e acolá um impropério sobre a vítima da vez: político, ladrões, etc. O tempo numa camisa-de-força, a inevitabilidade dos percursos exatos, quando já não existem sonhos, quando a vida que se poderia olhar está na retaguarda da nuca, setenta anos antes, a marca da idade nos dedos amassados, veias azuis querendo explodir, verter o sangue para que se finde a jornada, mas não. Estancado no corpo magro, o elixir da vida insiste em circular, sempre pelos mesmos canais, pulsando no ritmo preciso dos ponteiros de um relógio.

De baixo para cima. Varanda, banheiro, jardim; jardim, banheiro, varanda.

Muxoxos, lembranças que irritam, mágoas emergindo em espasmos. Cada sujeito na memória como alvo do tempo imóvel, insuportável. *Tu não te moves dentro*

de ti, certo, Hilda? Os círculos previsíveis, gangorra, sístoles e diástoles, corrida atarefada de uma parede à outra, muros intransponíveis, mergulho intenso e igual, afogar, cabeça que, fora d'água por um segundo, não se reconhece mais, logo volta às profundezas, onde os seres são amigos, ainda que inimigos, objeto de revoltas.

Noite recaindo com suas sombras na ponta dos pés, em passo infinitesimal, mancha preta no chão. Ela acende a luz. Entram mosquitos, trucidados imediatamente com tapas violentos, *clap, clap, clap*, “desgraça, aqui não!”. Os filhos lhe dizem “mãe, por que não compra repelente?”, “mãe, por que não aquele aparelhinho que se bota na tomada?”, ao que responde, num bote de pantera, que não é criança, que sabe o que fazer da vida, apesar dos cabelos brancos. *Clap, clap, clap*.

Os filhos que quase não vêm mais e ainda querem lhe dar ordens. A escuridão avança, cadáveres de doença se acumulam no chão branco puro imaculado, minúsculos universos onde seu olhar se perde. Os filhos. Aparecem depois de meses, para almoçar num domingo, e não largam aqueles aparelhos idiotas. Ela falando e eles ali, embasbacados, os olhos brilhando. A vida não existe mais do lado de fora: só nas novelas, no noticiário e nos telefones. “Mãe, a senhora devia ter um *Facebook*”, “mãe, a senhora devia ter o *Whattssap*”. Como se fosse impossível viver sem.

Começa a fechar as janelas, mas antes que faça deslizar a porta da varanda, ele surge num salto tão veloz que parece ter brotado de seu devaneio: nascimento espontâneo. Seu coração dispara. Executa um pequeno salto para trás, a mão no peito. O gafanhoto é de um verde quase transparente, de tão brilhante. Imóvel, observa-a do chão.

“Ah meu deus, um gafanhoto!”

Não sabe o que faz. Ele a vê, surpreso com tamanho alvoroço, as duas antenas a se mover, indagadoras. Corre (corre!) para a cozinha: “não sai daí, seu danado! não entra na minha casa! Aí meu Pai, se ele entra e se esconde, não consigo dormir. Coisa verde, quem te fez tão verde?”. Esbaforida, procura o indefinido no armário, a arma para afastá-lo. “Não se mata bicho assim, dá azar. Se fosse uma barata, ainda vá lá, esmagava-lhe o corpo rapidinho, apesar de. Horror! Bicho nojento a barata. Naquele dia então, voou direto pra cima do meu braço”.

Um arrepio percorreu sua coluna. “Tem gente que ainda inventa de comer — a barata. Que digo? O quê: uma vassoura, um pano de chão?”.

Decidiu-se pela vassoura:

“Gafanhoto, gafanhoto, não quero te matar, viu?”

Volta correndo (correndo!). Ele esta lá. Aproxima-se mantendo a vassoura longe do corpo. “Sai, sai!”, tenta varrê-lo, mas o inseto dá um salto na sua direção. Novo susto, leve desequilíbrio. A testa está suada. “Ah não, aqui dentro não. Volta pra varanda. Olha que eu te mato! Não quero, mas eu. Juro que”. Acerta o flanco do animal, que se aproxima da saída. “Você me entende, não é? Não quero ninguém aqui. Vamos, seja bonzinho, só mais uma dessas e...”.

Pronto! Pulou para fora, a contragosto, porque se afeiçoava rapidamente à velha. Fecha o vidro com rapidez. O corpo treme, galopes em disparada no epicentro do tórax. Na sala, vibrações se expandem no ar, em ondas. Ri, vitoriosa, sentindo cada músculo agitar-se sob a pele enrugada. Na orelha, há um zunido estranho, o sangue que lhe corre nas veias e que a acusa de algo.

O inseto a observa, perto das plantas. “Ele sorri, o safado”. Não é aquilo um sorriso? Seus olhinhos são pretos, mas luminosos. “Você pode ficar nessa samambaia aí, se quiser, mas aqui dentro não”. Encosta a testa no vidro e a respiração embaça seu reflexo, logo naquele trecho, bem abaixo dos olhos, onde

antes havia um riso. O inseto, enfim, some. Como viera: tão rápido, tão súbito e impossível, que ela até hoje não sabe se voltar a viver não foi mais que um sonho.

Caio Lobo (pseudônimo de Bruno Mendonça) é pernambucano, nascido em Recife em 14 de setembro de 1979. Graduiu-se em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e concluiu Mestrado em Relações Internacionais na Universidade de Brasília (UnB). É servidor público no Ministério Público Federal, lotado na Procuradoria Regional da 5ª Região. Criador do “Blog do Francês”, colunista da “Revista Philos” e autor da coletânea de contos “Trôpegos visionários”, lançada em 2016 pela Editora Kazuá. É também autor de obra acadêmica intitulada “O conceito de sociedade internacional”, lançamento da Paço Editorial. Recentemente venceu, com seu conto “O vizinho”, o Prêmio SFX-2016 de Literatura.